

O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS A PARTIR DOS OLHARES DO CAMPO DE EXPERIÊNCIAS: ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

THE DEVELOPMENT OF CHILDREN FROM THE LOOKS OF THE EXPERIENCE FIELD: SPACES, TIMES, QUANTITIES, RELATIONS AND TRANSFORMATIONS

Lisiane Stein Dense¹
Magnus Cesar Ody²

RESUMO

O texto apresenta um estudo do conhecimento matemático desenvolvido por crianças a partir dos olhares da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tem como objetivo, identificar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento presentes no campo de experiências Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações (ETQRT) sugeridos pela BNCC, nas rotinas das crianças bem pequenas. A metodologia possui abordagem qualitativa, considerando as narrativas de formação como modo de escrita e análise dos materiais. O contexto do estudo ocorreu a partir de uma educação não formal, observando as atividades realizadas em um espaço informal, com quatro crianças de idades entre um ano e sete meses até dois anos e cinco meses. Os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, sugeridos pela BNCC, se mostraram adequados para a faixa etária. Foi possível identificar o papel relevante do planejamento e sua flexibilização de acordo com o desenvolvimento, o que permitiu perceber que educar e cuidar é tarefa de toda a sociedade.

Palavras-chave: Educação Infantil. Base Nacional Comum Curricular. Campos de Experiências. Conhecimento matemático.

1 INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) é um documento brasileiro, de caráter normativo, que está sendo implementado na Educação Básica de todo o país. Ele assegura os direitos de aprendizagens e define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais de todos os estudantes matriculados na Educação Básica, em suas etapas e modalidades. Propõe o desenvolvimento de dez competências gerais, além de campos de experiências específicos para a Educação Infantil.

¹ Egressa do Curso de Licenciatura em Pedagogia nas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT).
E-mail: lisi_stein@hotmail.com

² Doutor em Educação em Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professor das Faculdades Integradas de Taquara (Faccat) e membro do Comitê de Pesquisa da Faccat.

Para a etapa da Educação Infantil (EI) a BNCC sugere objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, divididos por campos de experiências, para diferentes faixas etárias. Nas suas rotinas, as crianças são cercadas por experiências com o desenvolvimento de habilidades que marcam suas trajetórias de vida.

É nesse sentido que o estudo busca responder ao seguinte questionamento: Como os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, presentes no campo de experiências: Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações, sugeridos pela Base Nacional Comum Curricular, podem ser observados nas rotinas das crianças bem pequenas?

Ele se desenhou devido a minha prática como professora de bebês, de 7 meses até 2 anos de idade, em uma escola particular do município onde residia. Com a implementação da BNCC, considero relevante realizar um estudo para observar seus objetivos junto às práticas educativas realizadas com as crianças bem pequenas. A denominação “crianças bem pequenas” é citada pela BNCC (BRASIL, 2017) e considera a faixa etária de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses.

Outros fatores que colaboraram para a definição desse estudo, também surgiram na escrita e publicação de um artigo no componente curricular Pesquisa e Prática Pedagógica que faz parte da estrutura curricular do curso de Pedagogia da Faccat e, posteriormente, da sua apresentação e publicação em uma Conferência Nacional de Educação Matemática, no ano de 2019 (ALVES; DENSE, 2019).

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E AS CONTRIBUIÇÕES DA BNCC

No Brasil, apenas no ano de 1988 a criança passou a ter seu direito à educação garantido, efetivamente consolidado com a Constituição Federal. Antes disso, por volta de 1980, a expressão usada era educação pré-escolar, onde tinha-se o entendimento de que a EI era uma etapa anterior, realizada fora da educação formal, e preparava para a escolarização, que, na época, só começaria no Ensino Fundamental. A partir de 1988, passou a ser dever do Estado o atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a 6 anos de idade. Em 1996, com a promulgação da Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a EI, passou a fazer parte da Educação Básica (BRASIL, 1996). A partir da

modificação na LDB em 2006, esta etapa passou a atender crianças de zero a 5 anos de idade (BRASIL, 2017).

Mesmo sendo um direito da criança, a EI foi considerada obrigatória somente após a criação da Emenda Constitucional nº 59/2009, onde foi determinada a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos. A matrícula de crianças de 4 e 5 anos nas instituições de ensino passou a ser obrigatória em 2013, quando foi incluída na LDB, uma extensão, tornando-a obrigatória para essa idade. Assim tornando obrigatória a matrícula de crianças de 4 anos, antes disso não existia obrigatoriedade, é dever do estado oferecer vagas para crianças com idade inferior a essa.

A EI é a primeira etapa da Educação Básica, seguida do Ensino Fundamental que atende crianças com idades no intervalo de 6 a 14 anos e, do Ensino Médio, com a duração de 3 anos com adolescentes e jovens entre 15 e 17 anos. É na primeira etapa que a criança constrói conhecimentos e experiências relevantes para a continuidade das aprendizagens ao longo de sua vida. Ela engloba crianças de 0 a 5 anos e, segundo a BNCC (2017), está estruturada em três grupos divididos por faixa etária, sendo eles: bebês de 0 a 1 ano e 6 meses; crianças bem pequenas de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses; e crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses.

Na EI é desenvolvida a aprendizagem da criança de forma lúdica o que, assim como nas outras etapas de ensino, auxilia na formação cultural, social e cognitiva, bem como, na socialização com o meio em que está inserida. É o espaço onde a criança começa a desenvolver a sua personalidade e possibilita a ampliação das interações e do convívio social.

É nesse sentido que foram estudadas as contribuições de Jean Piaget (1896 – 1980), a partir dos estágios do desenvolvimento infantil, especialmente o sensório-motor e pré-operatório, cujas faixas etárias das crianças, sujeitas do estudo, estão inseridas.

Segundo Nogueira e Leal (2015), na perspectiva de Piaget, o estágio sensório-motor contempla crianças desde o seu nascimento até aproximadamente seus 2 anos de idade. É uma fase fundamental no desenvolvimento, pois ocorrem grandes transformações mentais e o progresso da inteligência da criança. O início dessa fase é caracterizado pela manipulação, onde o bebê procura manipular tudo o que vê, buscando trazer os objetos para si para que possa explorá-los.

Por volta dos dois anos de idade, ocorre o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, onde o bebê pouco a pouco acaba observando, se aprimorando e compreendendo o mundo que o cerca. A causalidade, temporalidade e afetividade são outras noções construídas nessa fase, estas que estão atreladas à evolução da inteligência.

No estágio pré-operatório, as crianças de dois até sete anos, aproximadamente, passam por grandes mudanças de condutas. Elas socializam suas ações por meio da linguagem, o que acaba possibilitando a troca e a comunicação com o meio em que estão inseridas. Começa, nessa fase, a relação de subordinação da criança em relação aos adultos, que nesse caso, são modelos a serem copiados, pois os consideram grandes e fortes. A criança ainda possui uma inteligência prática, a intuição é utilizada no lugar da razão para a resolução de problemas e não são capazes de realizar a reversibilidade do seu pensamento, pois ainda não utilizam a lógica.

A esse respeito, desenvolver o conhecimento matemático na Educação Infantil é construir algo que a criança levará como experiência no decorrer de sua vida, não só nos espaços formais de aprendizagem, mas também naqueles não formais. O conhecimento matemático precisa ser observado e desenvolvido de forma lúdica, para que seja algo que ocorra de forma natural no cotidiano. Ele auxilia na ampliação de suas habilidades, aumenta a capacidade da criança solucionar problemas e colabora na construção da sua autonomia.

Uma das contribuições de Piaget nesse sentido foi demonstrar que ensinar matemática na Educação Infantil vai muito além de ensinar a contar.

Os fundamentos para o desenvolvimento matemático das crianças estabelecem-se nos primeiros anos. A aprendizagem matemática constrói-se através da curiosidade e do entusiasmo das crianças e cresce naturalmente a partir das suas experiências [...]. A vivência de experiências matemáticas adequadas desafia as crianças a explorarem ideias relacionadas com padrões, formas, número e espaço numa forma cada vez mais sofisticada (PIAGET, 1976, p. 73).

Neste contexto, promover o desenvolvimento matemático por meio de experiências adequadas para a faixa etária das crianças permitem contribuir para a exploração de si e do mundo, observar padrões, formas e a noção de espaço.

Na EI o conhecimento matemático é desenvolvido não apenas com a ideia de número ou quantificações, mas, especialmente, por meio da observação e de experiências com identificações corporais (sua mão, seu dedo, o eu, o outro), as formas geométricas, a divisão dos brinquedos, as comparações e diferenças de altura e peso, etc.

Na BNCC, a Educação Infantil preconiza a ligação entre o cuidar e o educar. A entrada das crianças nessa etapa significa, em boa parte dos casos, a primeira separação da família. O cuidar se torna, então, tão importante quanto o educar e a escola deve enfatizar a relação com a família e com a sociabilidade.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2017. p. 36).

Ainda nesta etapa, segundo o documento, as crianças adquirem experiências por meio das interações e das brincadeiras, construindo e se apropriando do conhecimento. É por meio do brincar que elas se expressam e, juntamente com as interações, acabam construindo aprendizagens. A criança no brincar, muitas vezes expressa sentimentos e situações que estão presentes no cotidiano; através das brincadeiras, aprende a controlar suas frustrações, suas emoções e a resolver conflitos que possam existir.

O Referencial Curricular Gaúcho (RIO GRANDE DO SUL, 2018) discute a estrutura e organização a partir da integração das ações educativas e da indissociabilidade do educar e do cuidar.

O currículo da educação infantil deve ser organizado a partir da indissociabilidade entre o cuidar e o educar, compreendendo o cuidado para além dos aspectos físicos, integrando-se as ações educativas, as quais devem garantir os direitos e os interesses de aprendizagem das crianças. (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 57).

O cuidar e o educar não podem mais ser vistos de forma separada na EI, eles estão ligados de uma forma que não há cuidar sem educar, bem como não há educar sem cuidar.

A BNCC (BRASIL, 2017, p. 38) traz seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que são:

- Conviver com crianças e adultos em busca da ampliação do conhecimento, respeito em relação a cultura e as diferenças entre as pessoas.
- Brincar de diversas formas, maneiras e espaços diferentes, com crianças e adultos, buscando ampliar e diversificar suas produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas expressões emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- Participar com adultos e crianças do planejamento da gestão da escola, e das atividades propostas pelo educador, como as escolhas de brincadeiras dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades.
- Expressar suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens, como um sujeito dialógico, criativo e sensível.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e das pessoas ao seu redor, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Estes, asseguram na etapa da EI, a aprendizagem nas situações em que as crianças consigam desempenhar um papel ativo, vivenciar desafios e se sintam provocadas a resolvê-los, trazendo significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

Os direitos de aprendizagem estão estruturados em cinco campos de experiências (BRASIL, 2018, p. 25): “O eu, o outro e o nós; Corpo gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

O foco do nosso estudo esteve no campo de experiências “Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações”. Entretanto, seria estranho não relacionar os demais campos de experiências, pelo fato de estarem sendo observadas as crianças na sua integridade, o cuidar, o educar assim como, as fases do desenvolvimento de Piaget.

A criança é um ser, assim como os demais, que demonstra sentimentos, pensa e age. Isso vai ao encontro do campo de experiências “o eu, o outro e o nós”, ao mostrar que é por meio da interação com as pessoas do seu convívio que se constroem essas ações, reconhecendo a si próprio e as diferenças que existem em cada criança e adulto.

Constroem suas experiências, aprendizagens e conhecimentos com a observação e a exploração do seu corpo e do meio, buscando conhecer-se e conhecer o mundo. Essa ação está relacionada ao campo de experiências “corpos, gestos e movimentos”, onde é exposto que as crianças usam o corpo desde cedo para explorar o mundo à sua volta, para brincar e se expressar. É por meio das expressões do corpo que o bebê se comunica nos primeiros meses de vida.

Em relação ao campo de experiências “traços, sons, cores e formas”, as crianças manifestam seus sentimentos muitas vezes em desenhos, pinturas, danças e teatros, por exemplo. Ele sugere que conviver com essas expressões artísticas traz diversas possibilidades, desenvolvendo seus sentidos estéticos e críticos.

O campo de experiências “escuta, fala, pensamento e imaginação”, reforça que a criança nos seus primeiros meses se comunica e interage com o meio por meio do movimento, e com o tempo é importante oferecer a elas experiências onde possam desenvolver a fala e a escuta, podendo assim ter uma maior participação no meio em que estão inseridas.

O campo de experiências “espaços, tempos, quantidade, relações e transformações”, nos mostra que as crianças vivem diariamente experiências lógico-matemáticas fundamentais para o desenvolvimento dos conhecimentos matemáticos, assim como as noções de espaços e tempos do mundo físico (que vai ao encontro dos outros campos de experiência) e do mundo sociocultural.

Os campos de experiências buscam acolher as situações e as experiências que a criança possui de forma concreta na sua vida, juntamente com seus saberes e os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural em que ela está inserida.

3 A EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

A educação é um direito fundamental de todos e dever do estado e da família desde a Constituição Federal de 1988, no seu artigo 205. A partir de então, a

educação está sendo promovida de diversas maneiras, diferenciadas pelo espaço e pelo contexto, podendo esse espaço ser de ensino formal, informal e não formal.

A LDB apresenta no seu artigo 1º: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, nesse caso, a educação se dá em diferentes contextos e não necessariamente em espaços formais de ensino.

Desde a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, crianças e adolescentes passaram a ser sujeitos de direitos, como mostra o seu artigo 3º:

Art. 3º. – a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por Lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 1990).

Estes direitos devem ser assegurados pela família, sociedade civil e Estado, nos diferentes espaços onde a criança está inserida, conforme determina a Constituição Federal, no seu artigo 205. Os direitos garantidos a crianças e adolescentes valem para todos os contextos escolares que os mesmos frequentem, sejam eles formais, informais ou não formais.

Segundo Gohn (2006, p. 28, grifos da autora):

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.

A educação formal ocorre principalmente em escolas que possuem um projeto político pedagógico e são regulamentadas por Lei Federal. A ação pedagógica ocorre de forma intencional, podendo ser aplicada em um espaço formal ou não formal de educação. Por meio de suas práticas, busca-se a construção do conhecimento, com a relação entre o professor e o aluno. Embasado por Lei, o papel da educação formal é garantir o ensino e promover o aprendizado. Mesmo a educação sendo garantida

por Lei, o aluno deve mostrar interesse em aprender, para que, com o auxílio do professor, construa o seu próprio conhecimento. Neste ambiente de ensino, o papel do educador cabe ao professor. Os educandos são separados em etapas de acordo com as suas idades e caso ocorra a construção de conhecimento, conforme o previsto pela instituição de ensino, o aluno avança para a etapa seguinte.

A educação informal, pode ocorrer em vários espaços, se baseando nas ações e influências dos pais ou responsáveis, que neste caso se tornam os primeiros professores dos indivíduos. Segundo Libâneo (2010, p. 31):

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com o seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas.

A educação informal, em boa parte dos casos, é vista como uma educação não intencional, pois não apresenta claramente um formato intencional e estrutural de ensino. Ela ocorre na forma de processos espontâneos que vão ao encontro de valores religiosos e familiares. Os saberes adquiridos na educação informal, na maioria das vezes, se desenvolvem por meio de hábitos construídos pelo educando em seu cotidiano e acabam se tornando permanentes. Mesmo não sendo conhecimentos sistematizados se fazem presentes nos hábitos, comportamentos, formas de agir e pensar do educando. Essa forma de educação não é baseada em um planejamento. A construção do conhecimento ocorre de uma forma natural no meio em que o educando está inserido. Pode-se dizer que a Educação informal é a educação que adquirimos em todo o decorrer de nossa vida construída através das experiências que temos diariamente.

A educação não formal ocorre em espaços não escolares, não convencionais de educação, e busca desenvolver uma forma de ensino-aprendizagem que é pouco explorada nas escolas que adotam o ensino formal. Vale lembrar que a educação não formal não substitui a educação formal, contudo, pode auxiliá-la na construção do conhecimento. Ela pode ser desenvolvida em associações de bairros, ONGs (Organizações Não Governamentais), sindicatos, espaços culturais, espaços interativos com a escola formal, entre outros. Neste formato de ensino, assim como

nos espaços de educação formal, são respeitadas as diferenças que cada um possui no processo de ensino-aprendizagem, pois existe uma certa flexibilidade nos conteúdos propostos. Segundo Gohn (2006, p. 29), “Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes”, formando assim um indivíduo para a cidadania, procurando promover a autoestima, interesses comuns e solidariedade, formando o educando para o mundo.

A principal finalidade da educação não formal, é compartilhar o conhecimento do mundo para os educandos, conhecimentos que os rodeiam diariamente. Os objetivos são construídos durante o processo de aprendizagem, conforme a necessidade do indivíduo ou do grupo ali presente. Ao contrário da educação formal, os educandos não são separados por idades ou séries; busca-se prepará-los com saberes para o uso coletivo do grupo, assim auxiliando na construção da identidade coletiva, colaborando para o fortalecimento. Segundo Anhucci e Suguihiro (2012), mesmo sendo denominada educação “não formal”, não significa que não exista uma formalidade e um espaço educativo, mas sim que ambos são diferentes dos processos educativos das escolas de educação formal.

Devido a minha prática profissional com a EI em uma escola de ensino formal, e, atualmente, não estar vinculada a ela, o nosso estudo adotou a educação não formal. Justificamos pelo fato de as atividades realizadas serem semelhantes àquelas desenvolvidas na escola, de manterem uma estrutura de ensino e de aprendizagem, procurarem a relação entre o cuidar e o educar, flexibilizando conteúdos e respeitando diferenças.

Devido à pandemia causada pelo coronavírus, eu acabei sendo desvinculada da escola na qual estava atuando até meados de março de 2020. Houve a procura de alguns pais para que eu continuasse atendendo seus filhos em função de suas demandas profissionais. As intervenções ocorreram em um espaço informal, este que foi a minha casa, com quatro crianças que frequentavam a escola onde trabalhava.

4 METODOLOGIA

O estudo propôs uma abordagem de investigação voltada para os aspectos qualitativos, de caráter exploratório, pois os materiais foram coletados de diversos modos. Buscamos referência em Minayo (2001, p. 14) por considerar que a pesquisa

qualitativa aborda “[...] o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”.

Neste caso, podemos citar como exemplos de materiais a observação e a análise de sentimentos, percepções, intenções e outros de natureza subjetiva. Estes que não são obtidos por meio da tabulação de dados necessariamente quantitativos, que na sua utilização, também colaboram nas pesquisas em educação.

Devido à pandemia do Covid-19, as observações ocorreram no mês de agosto de 2020, com 4 crianças entre 1 ano e 7 meses a 3 anos de idade que frequentavam a escola que inicialmente seriam realizadas essas observações. Elas foram observadas na minha casa, um espaço informal com uma forma de ensino não formal, pois as atividades desenvolvidas foram semelhantes às que seriam realizadas na escola.

Foram realizadas seis atividades, adequadas para cada objetivo de aprendizagem. As observações ocorreram durante todo o processo de coleta de materiais, registradas no Quadro 1 (p. 27). Também foram extraídas fotos das crianças nas suas respectivas rotinas.

A análise dos materiais foi realizada após as observações, a partir das leituras da impressão do Quadro 1 (p. 27), das descrições das fotos e dos áudios. Em seguida foi construída a escrita narrativa, associando os diferentes registros dos materiais com os objetivos sugeridos pela Base Nacional Comum Curricular, buscando responder às questões iniciais e aos objetivos.

A escrita narrativa, segundo Reis (2008), geralmente corresponde a uma estrutura, a um conhecimento e a uma capacidade que são necessárias para narrar e construir uma história. Essa história possui argumentos caracterizados por um personagem; princípio, meio e fim; e uma sequência organizada de acontecimentos. Na educação é muito usada uma definição mais abrangente sobre a narrativa, esta muito utilizada em contextos sociais e educativos. A narrativa quando usada na formação inicial do professor não agrega apenas na vida profissional dele, mas, também, na vida social.

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação. (REIS, 2008, p. 4)

Como relata Reis (2008), ao contar histórias, os professores promovem o seu desenvolvimento pessoal e profissional, refletindo sobre as ações docentes, o que pode melhorar ao analisar essas narrativas. Ao realizar uma análise narrativa, pode-se notar a relação de troca de conhecimento entre o professor e o aluno, onde o aluno passa a ter uma “voz”, e o professor passa a interpretar essa voz, a fim de construir uma nova história.

5 ANÁLISE DOS MATERIAIS

Neste capítulo, será apresentada a análise dos materiais coletados por meio das observações e os registros realizados. Para isso foram elaboradas algumas atividades didáticas, considerando os objetivos de aprendizagem do campo de experiência “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, sugeridos pela Base para essa faixa etária. Como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC abordados nas atividades

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	Atividades propostas
(EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).	Serão disponibilizados diversos brinquedos e será solicitado que separem os objetos de mesma natureza. (exemplo: bonecas com bonecas, lego com lego, carrinhos com carrinhos). Em seguida, as crianças serão instigadas a demonstrar com os dedos, a quantidade de objetos que possuem, da mesma natureza.
(EI02ET04) Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).	Utilizar legos dentro e fora de uma caixa, onde as crianças terão que indicar se as peças estão dentro ou fora da caixa. Após, serão separadas as cores e por cores será posto um lego em cima do outro. Assim, será sugerido que as crianças indiquem qual cor está mais acima, qual cor está mais abaixo e qual cor está nas laterais.

Fonte: Dense (2020).

(Continua)

Quadro 1 – Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC abordados nas atividades (Continuação)

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	Atividades propostas
(EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).	Disponibilizar peças de lego de diversas formas, círculos de papelão de diferentes tamanhos, e outros objetos de diferentes pesos. A seguir, pretende-se solicitar para as crianças, que separem os objetos, primeiramente por cores, e em seguida, por tamanhos e pesos.
(EI02ET06) Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar)	Será lembrada a atividade feita no dia anterior, usando a palavra ontem e explicar o que será feito no dia seguinte usando a palavra amanhã. Após, será indicado que a criança explique as atividades do ontem e do amanhã. Será feita também a dança da bicicletinha onde a criança irá “pedalar” bem rápido, rápido, devagar e bem devagar.
(EI02ET07) Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.	Disponibilizar objetos, como: colheres, bonecas e outros diferentes brinquedos. Elas serão estimuladas a explorá-los. Após, será solicitado que as crianças separem os objetos da mesma natureza e contem oralmente os mesmos.
(EI02ET08) Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).	Disponibilizar fichinhas com os números de 1 a 10, após serão feitas as seguintes perguntas: “Quantas meninas vieram hoje?” “Quantos meninos vieram hoje?”, “Quantas bonecas tem na sua frente”, “Quantos carrinhos?” As crianças deverão responder às perguntas pegando a fichinha que corresponde à resposta.

Fonte: Dense (2020).

5.1 Descrição das atividades

A primeira atividade correspondia ao primeiro objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: “Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho)”, onde foram disponibilizados diversos brinquedos e sugerido que as crianças separassem os objetos de mesma natureza, (exemplo: bonecas com bonecas, lego com lego, carrinhos com carrinhos). Em seguida, elas foram instigadas a demonstrar com os dedos, a quantidade de objetos que possuíam, da mesma natureza. Oralmente demonstraram essa quantidade de objetos, contudo, tiveram dificuldades para representar nos dedos. As crianças de um ano e sete meses não representaram de nenhuma forma a quantidade de brinquedos que possuíam, e isso ocorreu porque

essas crianças estão na fase sensório-motora, como explicado por Nogueira e Leal (2015).

Em um outro dia, durante uma conversa, as duas crianças de dois anos e cinco meses, representaram com seus dedos os números de um a cinco. As crianças de um ano e sete meses representaram apenas até o número 2. Essa atividade também está relacionada ao campo de experiência “traços, sons, cores e formas”, pois ao separar os objetos da mesma natureza, elas tiveram contato com diversas formas diferentes. Também ao campo de experiência “corpo, gestos e movimentos”, pois as crianças usaram seu corpo para se expressar e demonstrar a quantidade de objetos que separaram.

Na segunda atividade, foram utilizados legos dentro e fora de uma caixa, onde as crianças teriam que indicar se as peças estavam dentro ou fora da caixa. Após, foram separadas as cores e por cores foi posto um lego em cima do outro. Solicitei que as crianças indicassem qual cor estava mais acima, qual cor estava mais abaixo e qual cor estava nas laterais. Essa atividade correspondia ao objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: “Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois)”. Elas não tiveram facilidade em identificar as peças que estavam dentro e fora da caixa, mas o oposto ocorreu para identificar as cores e quais estavam acima das outras ou abaixo. Em um outro dia durante as brincadeiras livres, foi questionado qual brinquedo estava em cima do outro, qual estava do lado e qual estava embaixo, as duas crianças de um ano e sete meses tiveram mais dificuldades para identificar, já as de dois anos e cinco meses responderam facilmente. Isso ocorreu, pois, como visto no referencial teórico, essas crianças encontram-se em fases de desenvolvimento diferentes, segundo a perspectiva de Piaget, como nos mostram Nogueira e Leal (2015).

Essa atividade, tem relação também com os campos de experiências “o eu, o outro e o nós”, “traços, sons, cores e formas” e “escuta, fala, pensamento e imaginação”, pois, através da interação que tiveram comigo e com os colegas, eles separaram as cores e os tamanhos diferentes de legos, e quando questionados responderam oralmente, da sua maneira.

O objetivo de aprendizagem e desenvolvimento da terceira atividade era “classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.)”, e foram disponibilizadas peças de lego de diversas formas, círculos de papelão

de diferentes tamanhos, e outros objetos de diferentes pesos. Em seguida, foi indicado que separassem os objetos, primeiramente por cores, em seguida por tamanhos e por último por pesos. As crianças de um ano e sete meses acabaram se distraíndo com os objetos e legos e não realizaram a atividade, pois, como já explicado anteriormente, elas estão na fase sensório-motora, onde o bebê procura sempre explorar os objetos manuseando-os e os trazendo para si mesmo.

As de dois anos e cinco meses, separaram as cores, mas tiveram dificuldades no momento de separar por tamanhos e pesos. Em um outro momento com lápis de cor, uma criança de dois anos e cinco meses, separou os lápis por cores e tamanhos, representando nos dedos a quantidade de lápis. Nesta atividade podemos observar também os campos de experiências “corpo, gesto e movimento”; “traços, sons, cores e formas” e “escuta, fala, pensamento e imaginação”, pois as crianças usaram o corpo para separar os objetos por cores, tamanhos e pesos e para conseguir realizar a atividade usaram o pensamento e, de certa forma, a imaginação na hora que encontraram dificuldades.

Na quarta atividade foi lembrada aquela realizada no dia anterior, usando a palavra ontem e explicando o que seria feito no dia seguinte usando a palavra amanhã. Na sequência as crianças foram mobilizadas a explicar as atividades do ontem e do amanhã. Foi realizada também a dança da bicicletinha onde a criança “pedalou” bem rápido, rápido, devagar e bem devagar. Essa atividade corresponde ao sexto objetivo de aprendizagem: “Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar) ”.

Durante a atividade, as crianças não souberam identificar o ontem e o amanhã, e os quatro representaram bem o rápido e o devagar na dança da bicicleta. Em um outro momento foi questionado se elas lembravam o que foi feito de lanche no dia anterior e as duas crianças de dois anos e cinco meses souberam responder rapidamente, as de um ano e sete meses só reproduziram o que os outros colegas haviam respondido. Os campos de experiências “o eu, o outro e o nós” e “corpo, gesto e movimento” estão presentes nessa atividade, pois, através da interação comigo e com as demais crianças, elas usaram o corpo para reproduzir o movimento da bicicleta.

A quinta atividade tinha como objetivo de aprendizagem “contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos” e foram disponibilizados objetos

como: colheres, bonecas e outros diferentes brinquedos. As crianças foram estimuladas a explorá-los. A seguir, foi solicitado que separassem os objetos da mesma natureza e contassem oralmente os mesmos. Todas as crianças separaram os objetos, entretanto apenas uma delas, de dois anos e cinco meses, contou corretamente o número de objetos. As demais, apenas falavam os números aleatoriamente.

Em um outro dia, na hora de guardar os brinquedos, em um determinado momento as crianças foram convidadas a contar quantos brinquedos se encontravam ali, apenas as duas crianças de dois anos e cinco meses fizeram a contagem de forma correta. Aqui percebemos os campos de experiências “traços, sons, cores e formas”; “corpo, gesto e movimentos” e “escuta, fala, pensamento e imaginação”, pois ao separar os objetos pelas formas diferentes eles usaram o corpo e usaram a fala para responder aos questionamentos.

A sexta e última atividade tinha como objetivo de aprendizagem “Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.)”, e foram disponibilizadas fichinhas com os números de 1 a 10, após foram feitas as seguintes perguntas: “Quantas meninas vieram hoje?”, “Quantos meninos vieram hoje?”, “Quantas bonecas tem na sua frente”, “Quantos carrinhos?”. As crianças deveriam responder às perguntas pegando a fichinha que se corresponde à resposta.

As duas crianças de dois anos e cinco meses sabiam oralmente a quantidade de meninas e meninos, de bonecas e carrinhos, mas não identificaram nas fichinhas os números, e isso ocorre, segundo Nogueira e Leal (2015), porque essas crianças estão na fase pré-operatória, onde ainda trabalham maior parte do tempo com a inteligência prática. Em um outro momento foram mostradas as fichinhas novamente e elas não souberam identificar os números que ali estavam.

6 UMA NARRATIVA A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES E DAS ATIVIDADES

Eu vejo a produção escrita, especialmente a escrita narrativa, como uma forma de melhorar a minha própria prática pedagógica, seja com as crianças que recebi em casa, como também, as crianças que futuramente farão parte da minha trajetória nos espaços escolares em que eu for trabalhar.

A proposta inicial era observar bebês, mas devido às circunstâncias acabou-se observando as crianças bem pequenas. Posso relatar e afirmar que foi uma experiência rica. Poder observar quatro crianças de diferentes idades mostrou claramente como elas se desenvolvem de formas diferentes, assim como foi registrado no referencial teórico.

O objetivo consistiu em identificar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento presentes no campo de experiências “Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações”, sugeridos pela Base Nacional Comum Curricular, nas rotinas de infância das crianças bem pequenas. Isso foi verificado por meio das atividades e das observações realizadas.

Paralelamente, a pesquisa apresentou o seguinte questionamento: *Como os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, presentes no campo de experiências ETQRT, sugeridos pela BNCC, podem ser observados nas rotinas de infância das crianças bem pequenas?*

Respondendo essa questão é possível descrever que os objetivos de aprendizagem podem ser observados por meio das interações com os colegas e nas brincadeiras, BNCC (2017). Quando é importante ampliar o universo de experiências das crianças a partir da acolhida das vivências e dos conhecimentos trazidos das famílias e da comunidade, articulando-os com as propostas pedagógicas.

Sabemos que a EI é caracterizada como a primeira etapa da Educação Básica, onde a criança constrói conhecimentos e experiências importantes para as suas aprendizagens, essas que aqui ocorreram de forma lúdica.

Com as observações e as atividades, foi possível verificar que os objetivos de aprendizagem abrangem as necessidades desta faixa etária, desde que sejam planejadas de acordo com a idade das crianças. Estes objetivos são identificados nas rotinas das crianças, seja por meio das atividades, das brincadeiras ou das interações com outros adultos e crianças.

Percebeu-se no estudo que as crianças se desenvolvem de maneiras e em tempos diferentes. Com isso, o professor deve elaborar um planejamento adequado para cada faixa etária. Mesmo a BNCC (2018) colocando crianças de um ano e sete meses até três anos e onze meses no grupo de crianças bem pequenas, as atividades devem ser bem estruturadas, pois aquelas com maior idade possuem um desenvolvimento maior do que as de menor idade.

Isso vai ao encontro da teoria piagetiana que, segundo Nogueira e Leal (2018), é denominada da seguinte forma: sensório-motor; pré-operatório; operacional concreto e operacional formal. Onde cada período foi observado por Piaget, nem sempre correspondendo à idade cronológica das crianças, mas sim a idades aproximadas.

Nesta etapa da vida da criança, a exploração ocorre diariamente para a construção do seu conhecimento, com isso vem a importância de o professor explorar materiais que estão presentes nas rotinas, esses denominados “materiais não estruturados”. Buscando usar materiais presentes nas rotinas das crianças como bolas, bonecas, folhas, tampinhas, legos, entre outros, o professor estará fazendo com que a criança se sinta mais à vontade com as atividades, assim tendo um aproveitamento maior das mesmas.

7 CONSIDERAÇÕES

Foi possível identificar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento presentes no campo de experiências *ETQRT*, sugeridos pela Base Nacional Comum Curricular, nas rotinas de infância das crianças bem pequenas. Mesmo realizando um estudo com crianças bem pequenas, em um espaço informal com uma estrutura de educação não formal, foram observados estes objetivos como adequados para a faixa etária das crianças.

Mesmo quando as crianças passaram a ser atendidas na minha casa, a relação de confiança dos pais seguiu a mesma, assim como a minha responsabilidade com os pequenos redobrou, pois nesse espaço eu passei a ser a única responsável por eles. Mesmo não possuindo um espaço tão amplo como o da escola, senti que as crianças se sentiram acolhidas, o que fez aumentar o vínculo de afetividade entre nós, o que eu já esperava que acontecesse, já que as crianças chegam de manhã cedo e vão para casa no final da tarde. Como a minha família não possui crianças dessas faixas etárias, alguns brinquedos que foram utilizados para a realização das atividades foram pegos na escola onde eu trabalhava em forma de empréstimo e outros foram trazidos de casa pelas próprias crianças.

Cabe ressaltar a relevância do planejamento e sua flexibilização de acordo com o desenvolvimento de cada criança e com as diferentes idades das mesmas. O

objetivo de aprendizagem e desenvolvimento pode ser o mesmo, mas deve ser desenvolvido de acordo com cada fase da criança, para que se torne significativo na vida tanto escolar como pessoal da mesma.

A pandemia, na minha opinião, serviu para nos mostrar que somos capazes de nos reinventar a cada dia, vivenciando novas formas de buscar e construir uma aprendizagem significativa. Os professores neste período encontraram uma série de desafios e mais uma vez mostraram a sua importância para o Brasil, assim como também os pais e os educadores que mesmo em casa desenvolvem o papel de educar de forma, na maioria das vezes, satisfatória.

Crianças que aprendem conteúdos escolares em casa, juntamente com educadores ou seus pais, ainda são comuns no Brasil, pois possuímos um bom número de crianças que ainda não têm acesso ao espaço de educação formal, e seu ensino acaba sendo de uma forma não formal.

Ter essa “missão” de cuidar e educar crianças, para mim é algo gratificante, pois a afetividade que a gente recebe delas é algo jamais visto; cada gesto de carinho e palavras amorosas ditas por elas valem mais do que qualquer moeda.

REFERÊNCIAS:

ALVES, André Luciano. DENSE, Lisiane Stein. A importância de trabalhar a matemática na educação infantil. *In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA*, 2., 2019, Taquara. **Anais eletrônicos [...]**. Taquara: Faculdades Integradas de Taquara, 2019. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/31%20CO.pdf>>. Acesso em: maio 2021.

ANHUCCI, Loren Pelik Kempe; SUGUIHIRO, Vera Lucia Tieko. A educação não formal e o atendimento à criança e ao adolescente. **Serviço Social em Revista.**, Londrina, v. 15, n.1, p. 35-64, jul./dez. 2012.

BRASIL. Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para reduzir, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição Federal, dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica, e dá nova redação ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao **caput** do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**,

Brasília, DF, 12 nov. 2009. Seção 1, p. 8. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm>.
Acesso em: 26 set. 2020.

_____. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

_____. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional. **Diário oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 26 de set. 2020.

_____. BNCC – **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasil, 2017.

_____. BNCC – **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasil, 2018.

_____. CONEP- **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa** – Brasil, 1996.

_____. RCNEI – **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil**– Brasil, 1998.

DENSE, Lisiane Stein. **Um estudo do desenvolvimento matemático de crianças bem pequenas a partir dos olhares da Base Nacional Comum Curricular**. 2020. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2020.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. **Teorias da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico**. 2. ed. rev. ampl. e atual. Curitiba: Intersaberes, 2015.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado, MACHADO, Maria Cristina Gomes. A História da Educação Infantil no Brasil: Avanços, Retrocessos e Desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 33, p. 78-95, mar. 2009.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

REIS, Pedro Rocha dos. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances**: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho**: Educação Infantil. Porto Alegre. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico, 2018. Disponível em: <<https://curriculo.educacao.rs.gov.br/Sobre/Index>>. Acesso em: maio 2021.

ROCHA, Hugo. **O que é Pesquisa Qualitativa, tipos, vantagens, como fazer e exemplos**. Disponível em: <<https://klickpages.com.br/blog/o-que-e-pesquisa-qualitativa/>>. Acesso em: 27 de abr. 2020.